

FOT. VANDER LEE, GLO, CIPA CHAVEZ, AEP, JORJAN FIGUEROA

JANAÍNA FIGUEIREDO

© janaínafigueiredo/janaína_x_janaína
 janaínafigueiredo.com.br

Cálculos de Lula para a Venezuela

Em meio a negociações frenéticas na Venezuela para decidir qual será a estratégia da oposição para enfrentar o governo de Nicolás Maduro nas eleições presidenciais de 28 de julho, o Palácio do Planalto faz cálculos. Em Brasília, fontes do governo Lula admitem que se a oposição venezuelana se unir ao redor da líder Maria Corina Machado, vencedora das

primárias não reconhecidas oficialmente de outubro de 2023 com 92% dos votos, Maduro enfrentará dificuldades eleitorais —podendo, até mesmo, ser derrotado.

Apoiar Maria Corina não significa apoiar sua eventual candidatura, já que ninguém acredita, dentro ou fora da Venezuela, que o governo Maduro cederá às pressões internacionais e suspenderá a inabilitação por 15 anos da líder do partido Vente aprovada pelo Tribunal Supremo de Justiça, alinhado ao chavismo. A questão é qual será a estratégia que ela vai traçar nos próximos dias e que inclua, por exemplo, a escolha de um candidato substituto. Essa estratégia contará com o respaldo da chamada Plataforma Unitária, integrada por 10 partidos? É a pergunta de um milhão de dólares.

As informações que chegam a Brasília apontam fissuras dentro da plataforma e, com base nessas informações, o governo Lula acredita que Maria Corina não conseguirá a coesão que espera e que sua "teimosia" acabará favorecendo Maduro. Em conversas com governos estrangeiros, entre eles o americano, mencionou-se recentemente a possibilidade de que uma

oposição unida na Venezuela consiga vencer a eleição. O Brasil de Lula tem dúvidas, mas admite que tal cenário seria adverso para Maduro.

O Parlamento Europeu divulgou, ontem, uma resolução sobre a situação política na Venezuela na qual denuncia violações dos direitos humanos. E, faltando menos de uma semana para o início do período de inscrição dos candidatos que vão disputar o pleito presidencial de 28 de julho

(de 21 a 25 de março), pede que "a comunidade internacional apóie o retorno da democracia na Venezuela, em particular pela proximidade das futuras eleições, nas quais deve ser permitida a participação da líder opositora do regime María Corina Machado". Mais uma expressão de desejo que vai morrer na praia.

Mais uma vez, a oposição venezuelana está diante do dilema que enfrenta desde 2002, quando organizou um fracassado golpe de Estado

—que durou 48 horas— contra o então presidente Hugo Chávez: unidos ou derrotados. Quando se uniu, por exemplo nas eleições legislativas de 2015, obteve bons resultados. Nas presidenciais de 2013, o então candidato Henrique Capriles perdeu por menos de dois pontos percentuais a disputa com Maduro. Mas, em geral, é uma articulação complexa.

Nos últimos dias, dirigentes como Capriles expressaram seu apoio à liderança de Maria Corina. Mas tem uma figura que gera incertezas, o governador do estado de Zulia, Manuel Rosales, que disputou a Presidência em 2006 e foi derrotado por Chávez. A boa relação de Rosales com o chavismo é conhecida e, apesar de o governador ter dito recentemente que vai respaldar a posição da plataforma, muitos na Venezuela temem que acabe negociando com Maduro e causando um racha na oposição. Rosales tem ambições próprias.

Do alto de seus 92%, Maria Corina exige controlar e concentrar as decisões centrais. Preverá a união como única saída, ou o ego das lideranças opositoras? Maduro e seus aliados, entre eles Lula, apostam na segunda opção.

Senador democrata pede saída de Netanyahu

Principal político eleito judeu dos EUA e líder da maioria na Casa, Chuck Schumer diz que premier israelense põe sua sobrevivência política acima dos interesses nacionais e que país 'não poderá sobreviver se tornar-se um pária'

REPORTAGEM

Líder da maioria democrata no Senado dos EUA, Chuck Schumer, que é judeu, apontou ontem o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, como um grande obstáculo para a paz no Oriente Médio e pediu uma nova liderança no país, que neste mês completou cinco meses de guerra com o grupo terrorista palestino Hamas, que controla a Faixa de Gaza desde 2007.

—Acredito de coração que sua [Netanyahu] maior prioridade é a segurança de Israel —disse Schumer, a autoridade eleita judia de mais alto escalão nos Estados Unidos, durante um discurso no plenário.

—No entanto, também acredito que o primeiro-ministro se perdeu ao permitir que sua sobrevivência política tivesse precedência sobre os melhores interesses de Israel.

TOLERÂNCIA COM MORTES
 Citando o número de mortos em Gaza —quase 31 mil, segundo autoridades locais— Schumer afirmou que Netanyahu "tem estado demasiado disposto a tolerar o número de vítimas civis em Gaza, o que vem reduzindo o apoio a Israel em todo o mundo para mínimos históricos".



—Israel não poderá sobreviver se tornar-se um pária. Apesar de muitos legisladores democratas já terem criticado a liderança de Netanyahu e sua coligação governamental de ultradireita, com o próprio presidente Joe Biden tendo descrito a ofensiva militar de Israel em Gaza como "exagerada", o pronunciamento contundente de Schumer —efetivamente instando à substituição de Netanyahu— correspondeu ao posicionamento mais duro já adotado por uma autoridade nos EUA desde o início do conflito.

Também foi o mais recente reflexo da crescente insatisfação entre os democratas, especialmente os progressistas, com a condução da guerra por Israel, o que criou um dilema estratégico e político para Biden. Os republicanos vêm tentando capitalizar essa dinâmica, aproximando-se de Netanyahu enquanto os democratas o repudiam.

Em resposta a Schumer, o líder da minoria republicana, o senador Mitch McConnell, disse que era "grotesco e hipócrita" para os americanos "que hiperventilam sobre a interferência estrangeira em nossa própria democracia pedir a remoção do democraticamente eleito de Israel". Ele descreveu a iniciativa como "sem precedentes".

—O Partido Democrata não tem um problema anti-Bibi —disse McConnell, referindo-se a Netanyahu pelo apelido—. Tem um problema anti-Israel.

Ontem, Schumer, que representa Nova York, estado com mais de 20% da população judia dos EUA, teve o cuidado de afirmar que não pretendia ditar qualquer resultado eleitoral, prefaciando suas duras críticas a Netanyahu com uma longa defesa de Israel —que os judeus americanos "amam até os ossos", afirmou. Ele também adotou a posição

Dor sem fim. Palestino carrega o corpo de uma criança morta em bombardeio israelense em Dair el-Bal, na parte central de Gaza, quase 21 mil pessoas já morreram no enclave desde o início da guerra.

EMBAIXADOR REBATE
 Mas foi implacável em suas críticas a Netanyahu, chamando o premier de um dos principais obstáculos para alcançar a paz no Oriente Médio, juntamente com o Hamas, os "anexos da direita radical" e Mahmoud Abbas, o presidente da Autoridade Nacional Palestina, que, afirmou, também deveria ser substituído.

Schumer defendeu que a única solução para o conflito é a criação de um Estado palestino e alegou que Netanyahu, ao negar essa possibilidade, ameaça o próprio futuro de Israel. Em resposta, o embaixador israelense nos EUA, Michael Herzog, disse que "Israel é uma democracia soberana" e que "não ajuda em nada, no momento em que Israel está em guerra contra uma organização terrorista genocida, o Hamas, comentar sobre a cena política interna de um aliado democrático".

Aliança entre gangues foi o estopim da nova crise no Haiti

Criminosos querem um lugar à mesa de negociações e reivindicam anistia

NATALIE RYBROFF,
 MARIA HARRÉ E FRANCIS ROBLES
 Do New York Times
 reportagem

Mesmo com as gangues terrorizando o Haiti, sequestrando civis em massa e matando à vontade, o primeiro-ministro do país, Ariel Henry, manteve-se no poder por anos. Então, em questão de dias, tudo mudou.

Em meio a uma agitação política nunca vista desde que o então presidente do país, Jovenel Moïse, foi assassinado em 2021, o premier concordou em renunciar. Agora, os países vizinhos se mobilizam para criar um go-

verno de transição e traçar um caminho para as eleições, que antes pareciam uma possibilidade distante. Segundo especialistas, há um fator que fez desse um momento diferente dos outros: a união das gangues do país.

—O primeiro-ministro Ariel renunciou não por causa da política, não por causa das enormes manifestações de rua contra ele ao longo dos anos, mas por causa da violência praticada pelas gangues— disse Jodes Jonathas, consultor haitiano. —A situação mudou totalmente agora, porque as gangues estão trabalhando juntas.

—Não está claro o quão forte é a aliança ou se ela durará. O que é evidente é que as gangues estão tentando capitalizar seu controle de Porto Príncipe, a capital, para tornarem uma força política legítima nas negociações que estão sendo intermediadas por governos estrangeiros, incluindo os Estados Unidos, a França e as nações do Caribe.

ATAQUE PREVENTIVO

No início de março, o premier viajou para Nairóbi para finalizar um acordo que enviaria uma força de segurança liderada pelo Quênia ao Haiti. Os grupos aprovei-



Impopular. Manifestante queima pneus em Porto Príncipe durante protesto após renúncia do premier Ariel Henry

taram a ausência de Henry, que é altamente impopular, para fechar o aeroporto, saquear portos, atacar delegações e libertar cerca de 4.600 prisioneiros da cadeia. Desde que Henry renunciou ao poder, as gangues tentam obter imunidade em processos criminais e anistia.

—As gangues têm ouvido falar dessa força liderada pelo Quênia [há anos]— disse Louis-Henri Mars, diretor-executivo de uma organização que trabalha com gangues haitianas. —Então, eles viram que ela finalmente estava chegando e lançaram um ataque preventivo.

O cenário foi o ponto de inflexão da crise: EUA e líderes do Caribe consideraram a situação do Haiti "insustentável", e Henry não era mais um parceiro viável, o que intensificou os apelos para uma rápida transição de poder. Desde então, as gangues têm falado com jornalistas realizado entrevistas coletivas, prometendo paz e exigindo um lugar na mesa.